

## OS GÊNEROS REPORTAGEM E CRÔNICA: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Nancy dos Santos CASAGRANDE<sup>1</sup>**

Doutora em Língua Portuguesa/PUC-SP

Professora Associada do Departamento de Português da PUC-SP

**Camilla Wootton VILLELA<sup>2</sup>**

Mestranda em Literatura e Crítica Literária/PUC-SP

Graduada em Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa/PUC-SP

### RESUMO

Este artigo apresenta um estudo dos gêneros crônica e reportagem pelo viés do Jornalismo Literário e, numa perspectiva linguística, como eles podem ser trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. A partir das considerações sobre a história do Jornalismo Literário, e de como ele se deu no Brasil, apresentamos uma possibilidade de seu estudo por meio de uma reportagem da Revista *Realidade*, publicada no ano de 1966, e do *Jornal da Tarde*, publicado em 1976.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua portuguesa. Ensino. Crônica. Reportagem. Jornalismo Literário.

### Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo tratar dos gêneros reportagem e crônica e de como eles podem ser usados em sala de aula de modo a auxiliar o ensino de Língua Portuguesa. Desse modo, lançaremos um olhar sobre esses gêneros no âmbito do Jornalismo Literário, a fim de apresentar uma possibilidade de estudo por meio da análise de um texto publicado na revista *Realidade* em 1966 e no *Jornal da Tarde*, em 1976. Para isso, será apresentada, de forma breve, a história do Jornalismo Literário e como ele se deu no Brasil, a partir de seus principais autores e publicações.

### Sobre o Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário teve início na década de 1960, nos Estados Unidos, e recusou o chamado **lead**, tipo de redação jornalística mais comum no gênero reportagem e mais encontrado na imprensa de hoje, para dar espaço a um retrato da

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: nancy.casagrande@gmail.com

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: camillavw@gmail.com

realidade de maneira mais completa e abrangente, o que faz com que o leitor questione, inclusive, a ele mesmo e ao mundo. Assim, esse tipo de jornalismo surgiu com o intuito de ser uma alternativa às estruturas de redação jornalística tradicionais e teve forte reconhecimento no Brasil, principalmente a partir do ano de 1966, com a revista *Realidade*. Por isso, o leitor acompanha, nessas narrativas, histórias de pessoas comuns com maior proximidade e subjetividade quando no envolvimento mais profundo do sujeito (repórter) com seus objetos (entrevistados), uma vez que um dos fundamentos do Jornalismo Literário é o mergulho fundo nos fatos cotidianos, inclusive em temas polêmicos, quebrando barreiras que existem entre o repórter e seus personagens.

O **new journalism**, o jornalismo literário americano, teve suas origens no século XIX, mas ganhou novas roupagens na década de 1960. O movimento foi responsável por romper, radicalmente, o limite entre a literatura e o jornalismo, inaugurando o romance de não-ficção.

Em 1966, o escritor norte-americano Truman Capote escreveu o romance de não ficção *A sangue frio*, um marco para o novo jornalismo americano. Capote utilizou técnicas de apreensão e retrato da realidade aplicadas ao jornalismo, como entrevistas, e juntou-as aos recursos narrativos da literatura para contar a história de um assassinato de uma família do Kansas (Estados Unidos), que ocorreu em 1959. Foi a partir daí que o **new journalism** conquistou espaço e ganhou respeito da crítica e do público.

Os escritores de destaque dessa época, além de Capote, foram Tom Wolfe e Gay Talese, principais expoentes do novo jornalismo, que ousaram ao trazer recursos estilísticos do ponto de vista, experimentações de narrativas muitas vezes em primeira pessoa ou, até, traços psicológicos das personagens em seus relatos. No livro *Radical chique e o novo jornalismo* (primeira edição de 1973), Tom Wolfe narra as características e o impacto do novo jornalismo às redações americanas, mencionadas por Pena (2006, p. 54):

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, [...] nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma

exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressão uma pergunta incisiva. Por que não?! (PENA, 2006, p. 54)

Ainda segundo Wolfe (2005), foram registrados quatro recursos básicos do novo jornalismo, que são: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Enquanto isso, o ano de 1966 no Brasil também foi marcante, pois surgiram duas importantes publicações, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, evidenciando para sempre, dessa maneira, o Jornalismo de nosso país. Ambas as publicações tiveram como base os princípios do **new journalism**, com reportagens muito mais ousadas, que enfrentaram tabus e abordaram questões sociais, com sucesso imediato do público.

Importante mencionar que nos interessa conhecer a revista *Realidade* como objeto a partir do qual trataremos os gêneros reportagem e crônica em sala de aula. A *Realidade* foi uma revista mensal da Editora Abril que apareceu pela primeira vez em abril de 1966, com o jogador Pelé vestindo um **busby**, o tradicional chapéu da guarda real britânica, na capa. A revista foi publicada de 1966 a 1976 e foi responsável por promover importante renovação na maneira de se fazer jornalismo no Brasil, tanto na linguagem, com reportagens mais longas e textos cuidadosamente escritos que fizeram um marco na história da imprensa brasileira, quanto em conteúdo, com imagens e personagens até então anônimos como protagonistas, dando voz aos marginalizados pela sociedade.

A publicação tinha como redator-chefe Paulo Patarra e editor de texto, Sérgio de Souza e alcançou elevadíssimos índices de venda em um país com dificuldades financeiras e também com baixos índices de leitura. Foi um veículo da chamada grande imprensa que circulou nacionalmente e cuidou para estabelecer relação amigável com os governos militares, à frente da Presidência da República desde 1964, “ao publicar constantemente perfis de presidentes e ministros ao lado de reportagens sobre temas tão diversos quanto a fome no Nordeste brasileiro e a sexualidade na juventude” (MORAES, 2007, p. 17).

Por isso, além de ter sido influenciada pelas manifestações políticas da época e também pelo movimento da contracultura da década de 1960, a revista compreendia bem sua época, mesmo com a censura aplicada aos meios de comunicação, como forte

característica a ousadia e temas polêmicos, como o aborto, o divórcio, a homossexualidade e outros temas até então nunca mencionados pela imprensa.

*Realidade* teve vendas arrasadoras e tiragens muito maiores, por exemplo, do que de revistas atuais, mais de 40 anos depois. No entanto, em 1967, a revista sofreu repressão da ditadura militar em vigor quando uma edição especial sobre a mulher brasileira foi apreendida, sob a alegação de atentar contra a moral e bons costumes. Sua fase de destaque foi de 1966 a 1968, até a edição do AI-5.

À vista do panorama histórico tratado, portanto, antes de apresentar o gênero reportagem, que virá no tópico a seguir, é necessário dar um breve parecer sobre o conceito de gênero, uma prática social que está entre o discurso e o texto e, por esse motivo, é considerada também uma prática textual-discursiva. Segundo Coutinho, 2004, p. 35-37 (citado por MARCUSCHI, 2008, p. 84-85):

[O gênero] opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula. (COUTINHO, 2004, p. 35-37, citado por MARCUSCHI, 2008, p. 84-85)

Por isso, tratar de gêneros é também tratar da língua em seu cotidiano em diversas formas, desde ação e estrutura social, até a organização da sociedade, já que são atividades discursivas estabilizadas socialmente e que se prestam a variados tipos de controle social e exercício de poder (MARCUSCHI, 2008).

O gênero começou como um estudo muito antigo e encontrava-se concentrado apenas na literatura, quando surgiu com Platão e Aristóteles, de tradição poética e retórica, respectivamente. Saiu, então, desse campo e foi para a linguística de maneira geral, embora particularmente esteja hoje nas perspectivas discursivas. Os gêneros textuais, por assim dizer, são uma maneira de inserção, ação e controle social no cotidiano, já que toda atividade discursiva é dada em algum gênero, seja ela qual for, e que é impossível se comunicar verbalmente sem gênero, pois toda comunicação verbal se dá por meio de textos que estão apoiados em algum deles.

Segundo Marcuschi (2008, p. 154), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente

objetivos específicos em situações particulares”; por isso, os gêneros são necessários para a interlocução humana e estamos subordinados a uma variedade imensa de gêneros textuais, o que faz com que sua identificação se torne complexa, generalizada e até aberta, porém, finita. Nesta pesquisa, assim sendo, serão examinados dois gêneros comuns à esfera jornalística, a reportagem e a crônica.

Dessa forma, é necessário dar a definição de suporte, que não se mostra neutro e que não deixa o gênero indiferente a ele, mas que possui um formato específico e é convencionalizado. Ele é fundamental para que o gênero possa circular na sociedade, o que não significa, necessariamente, que o suporte determina o gênero, mas que o gênero demanda um suporte especial. Segundo a definição de Marcuschi (2008, p. 174):

Entendemos [...] como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. Essa ideia comporta três aspectos: a) suporte é um lugar (físico ou virtual); b) suporte tem formato específico; c) suporte serve para fixar e mostrar o texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 174)

Nem sempre é possível estabelecer a relação entre gênero e suporte, já que eles não são fenômenos fechados, ou seja, não é possível dizer que onde um acaba, começa o outro. Por exemplo: o jornalismo é um domínio discursivo e o jornal é seu suporte; a reportagem jornalística é o gênero textual; e as sequências narrativas internas são o tipo textual dominante.

Nesse ponto, passaremos à abordagem dos gêneros reportagem e crônica e sua perspectiva, tanto para o Jornalismo Literário, quanto para o ensino de Língua Portuguesa.

### **Sobre os gêneros reportagem e crônica**

A reportagem, um gênero jornalístico, foi uma atividade praticamente irrelevante em 200 dos 400 anos de imprensa e mudou sua maneira de ser feita ao longo dos anos, acompanhando as mudanças da sociedade e seu público leitor.

Do ponto de vista técnico, escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformar a modalidade escrita da língua, aproximando-a dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares, ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas. Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições. (LAGE, 2004, p. 15-16)

Esse gênero jornalístico tem como finalidade coletar informações sobre determinado assunto para transformá-las, basicamente, em noticiário, que pode vir por meio de trabalhos escritos, filmados ou televisionados, veiculados por órgãos da imprensa. É, assim, uma notícia abordada de maneira mais aprofundada e de caráter informativo, que contém a informação de terceiros, valendo-se de fontes secundárias ou de materiais que são enviados por órgãos especializados em transformar fatos em notícias, como assessorias de imprensa.

Seu principal objetivo é apresentar os fatos ao leitor (ou telespectador, no caso de reportagens televisionadas) de maneira ampla e abrangente, na tentativa de mostrar várias versões de um mesmo acontecimento. Com isso, a reportagem é capaz de fazer uma contribuição na formação de opinião do leitor, principalmente por tentar apresentar-se da maneira mais imparcial possível, mostrando somente os fatos.

A linguagem de uma reportagem é predominantemente referencial, com características objetivas, dinâmicas e impessoais, além de seguir a norma culta da língua (embora possa tender a uma linguagem menos formal, dependendo de seu público). Uma reportagem pode ter um caráter opinativo, por questionar as causas e os efeitos dos fatos, ou até ao questioná-los, orientando os leitores. Utiliza-se do **lead** que, a partir dele, o fato principal é ampliado por meio de citações, diferentes versões, depoimentos, dados estatísticos, fotografias etc.

A norma básica, central, diz que toda reportagem deve responder a seis perguntas fundamentais (traduzidas dos manuais norte-americanos): quem, quando, onde, como, por que, o quê. Na prática, o que constantemente ocorre é que alguns dos seis itens básicos a serem respondidos numa reportagem têm peso diferente conforme a notícia. (ROSSI, 2002, p. 25)

O portador de uma reportagem é o repórter, profissional responsável por contar os acontecimentos, profissão que nasceu com o surgimento da reportagem, no século XIX, e foi ganhando importância com o desenvolvimento do jornalismo. É interessante mencionar, aqui, que os jornalistas em período anterior a essa época faziam trabalhos de publicistas e divulgavam em seus jornais apenas fatos de interesse comercial e político, como a chegada e partida de navios, tempestades, atos de pirataria, de guerra ou revolução (LAGE, 2004). O discurso nos jornais, até então, era de enunciados informativos de tom seco, semelhantes a atas, anais e relatórios, utilizando-se de artifícios que faziam com que a linguagem migrasse entre a fala parlamentar, análise erudita e sermão religioso.

Com isso, se antes o jornalismo publicista tinha como base de discurso a retórica, essa técnica foi logo abandonada no contexto da Revolução Industrial, quando o público leitor do jornal mudou: passou-se a criar uma cultura mais objetiva de pessoas comuns e mais pragmáticas, diferentemente dos segmentos engajados; além disso, os repórteres, que começaram a ser bajulados e odiados, começam a ter papel fundamental em denúncias sociais, agindo ao lado do povo, quando já não se podia mais, por exemplo, tratar de protestos populares como casos de polícia ou massacrar povos coloniais em segredo.

Dessa maneira, a reportagem começa a colocar em primeiro plano novos problemas “como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista” (LAGE, 2004, p. 17).

Quanto à crônica, trata-se de uma narração curta feita em primeira pessoa, veiculada principalmente em jornais e revistas, o que não lhe dá grandes pretensões de ser duradoura, já que é fruto do jornal, veículo caracterizado por ter conteúdos que acabam depressa e pela sua alta rotatividade. Por isso, a importância de se abordar esse gênero nesta pesquisa deve-se fato dela estar muito próximo do jornalismo e da literatura, conforme será elucidado nos parágrafos a seguir.

Embora seja hoje basicamente publicada em jornais, a crônica não nasceu propriamente com o jornal, mas apenas quando ele começou a ser publicado diariamente. No Brasil, antes de ser crônica propriamente dita, já foi folhetim, até que

aos poucos foi sendo encurtada e ganhando um tom mais informal e mesmo sem muita importância, até chegar ao que é hoje.

Com o passar dos anos, deixou de ter um caráter informativo para ficar com a função de divertir, de maneira leve e poética. Na década de 1930, no Brasil, a crônica finalmente se consolidou e firmou-se por meio de grandes escritores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e o grande mestre Rubem Braga, com quem alcançou seu ápice e reconhecimento.

Sua linguagem é, na maioria dos casos, simples, cotidiana e espontânea, muitas vezes próxima à linguagem oral. É clara, breve e capaz de pegar pequenos acontecimentos corriqueiros, aparentemente banais, e mostrar nela grandeza, beleza e singularidade. “Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor” (CANDIDO, 1992, p. 14).

Ainda, ao ter características que flertam com a literatura, é importante destacar que, pelo seu caráter efêmero, não tem em vista consagrar grandes escritores que ficarão para a posteridade, principalmente por ser publicada em veículos transitórios, um ponto de grande relevância, pois é aí que se contrapõe ao Jornalismo Literário, que tem por objetivo produzir textos que fiquem para a posteridade.

A crônica é capaz de transformar a literatura em algo muito mais próximo do dia a dia e íntimo de leitores comuns. Por isso, é diferente da reportagem porque a segunda busca, de modo geral, a reconstituição dos acontecimentos por meio da perspectiva dos personagens de maneira objetiva, ou seja, a narração de um fato feita pelos outros; já a crônica tem como protagonista, muitas vezes, o próprio narrador, quando ele não é o protagonista da história, utilizando-se do artifício narrativo da primeira pessoa e do lirismo. Também é diferente do Jornalismo Literário porque tem como característica a brevidade, enquanto que esse gênero jornalístico em questão busca a perenidade, ou seja, produzir reportagens que ainda sejam lidas por muitos anos.

Sobre a linguagem utilizada nas crônicas, Candido (1992, p. 13-14) acrescenta:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como

compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p. 13-14)

Dessa forma, na crônica, assim como no Jornalismo Literário, é necessária a livre expressão do sujeito e a subjetividade, o que explica esse texto ser narrado na primeira pessoa. Em sua narrativa, o escritor compartilha fatos do cotidiano de que foi testemunha, evidenciando suas impressões e sentimentos, muito semelhante ao que é feito no Jornalismo Literário. Dando continuidade a este artigo, trataremos dos gêneros reportagem e crônica.

### **Sobre os gêneros reportagem e crônica em dimensões linguísticas**

Sobre os gêneros reportagem e crônica, apresentaremos a análise que contemplará não só as características do Jornalismo Literário, como também as dimensões linguísticas do texto. A reportagem selecionada, no caso deste trabalho, foi publicada em dezembro de 1966, no caderno *Aventura* do número 9 do ano I da Revista *Realidade*, feita pelos jornalistas Carlos Azevedo e Luigi Mamprin. O texto trata da operação caiabi quando, quinze anos antes, tentaram remover os índios do rio Tatuin ao Parque Nacional do Xingu e, sem a ajuda de autoridades, os irmãos Villas-Bôas decidiram ajudá-los e iniciaram a operação junto à Força Aérea Brasileira – FAB. Carlos Azevedo fez parte do grupo que fundou a Realidade e foi um brilhante jornalista que participou de uma talentosa geração de repórteres da década de 1960, enquanto Luigi Mamprin foi um grande nome do fotojornalismo brasileiro durante o período de transição entre a fotografia em preto e branco e a colorida<sup>3</sup>. É importante mencionar que a reportagem trata de um tema atual, embora tenha sido publicada há quase 50 anos.

Na primeira página da reportagem, é de grande importância destacar que há uma espécie de introdução explicando não só como foi realizada essa expedição, mas também mostrando ao leitor todos os perigos aos quais os dois jornalistas foram expostos:

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=2512&cd\\_idioma=28555&cd\\_item=1](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2512&cd_idioma=28555&cd_item=1)>, acesso em fevereiro de 2015.

Ao deixarem a redação tudo estava acertado: “Até daqui a dez dias”. A viagem durou 40, e, para trazer esta reportagem, êles sofreram fome e doença ao atravessar mais de 300 quilômetros – a pé e de canoa – da floresta a noroeste de Mato Grosso, em plena Amazônia. [...] Muitos imprevistos os esperavam. Ao final da dura marcha, todos os homens, inclusive os índios, tinham-se esgotado. Luigi Mamprin foi atacado pela malária, acompanhando parte da caminhada apoiado somente em sua fibra. E, até onde êle conseguiu resistir, sua máquina fotográfica não perdeu um único fato. [...] Carlos Azevedo, a salvo da malária, sofreu um acidente que lhe valeu um corte na testa, passou fome e sede e gastou dois pares de sapatos de tanto caminhar. [...] Apesar dos perigos, ambos se sentem compensados por poder mostrar, nas páginas seguintes, êste documento do ‘Resgate de uma tribo’<sup>4</sup>.

Somado a isso e, também pensando nas características do Jornalismo Literário, é possível observar desde o título da reportagem como o **lead** não se faz presente nesse tipo de texto jornalístico. O próprio título, *Resgate de uma tribo*, não pretende responder a possíveis perguntas que o leitor poderia fazer, conforme é observado nas manchetes de reportagens tradicionais, e não informa do que exatamente a reportagem irá tratar, onde, quando ou por quê, por isso, mostra-se de maneira muito mais subjetiva e libertária, essência do Jornalismo Literário.

A presença da imagem também é fundamental nessa reportagem. O fotógrafo Luigi Mamprin apresenta um verdadeiro relato fotográfico de grande valia e qualidade, que complementa em absoluto tudo que foi exposto por escrito por Carlos Azevedo. Mamprin, atacado pela malária, perdeu parte de seu material fotográfico durante a expedição devido ao calor e à umidade, mas retratou vivamente particularidades da vida cotidiana da cultura indígena, desde momentos de preparação de alimentos até a sobrevivência na mata, construção de jangadas, viagens de avião e a riqueza ecológica da selva amazônica, em fotos marcadas por interessantes composições de cores e legendas poéticas.

No tocante ao aspecto linguístico, percebe-se que o texto verbal da reportagem se organiza e, novamente, em nada segue o esquema padrão do **lead** jornalístico. O primeiro parágrafo do texto, depois do parágrafo inicial que introduz o título da reportagem, não está em destaque e nem fornece ao leitor as informações gerais para guiá-lo sobre o assunto que a notícia irá tratar. Pelo contrário: o texto é iniciado como em uma narrativa, em um tempo que não é bem demarcado a princípio, pois não se sabe

---

<sup>4</sup> Importante destacar que estamos respeitando a grafia original da reportagem. Por isso, todas as citações da revista *Realidade* seguem as regras ortográficas vigentes na época.

quando exatamente o fato aconteceu (“Quando o índio Ipepori despediu-se de seu filho Tirauon não esperava ficar sem vê-lo por mais de uma semana”) e com inúmeros detalhes, cercados de certo mistério (“[...] enfiava a rêde no saco, junto com o cobertor, um par de botinas novas, três cachimbos e os óculos ‘ray-ban’”). A data do acontecimento só irá aparecer mais tarde, “manhã de 5 de setembro”, por meio de um narrador que, por vezes, parece ser onisciente, por exemplo, ao descrever os sentimentos de Carolina, mulher do índio Ipepori: “[...] sentia vontade de chorar junto com Tirauon”; ou ao falar do que Ipepori sentiu ao viajar de avião: “Nem se preocupava em disfarçar seu mêdo de voar”.

Toda a reportagem está organizada em subtítulos que de certa forma resumem o assunto que será tratado naquela parte do texto, mas são utilizadas palavras mais subjetivas e adjetivos que demarcam posicionamento do autor (sai do plano da imparcialidade), como em: Começa a dura operação-Caiabi (grifo nosso). Em um dos subtítulos, É nos rios que se vence a floresta, há inclusive a presença de epígrafe e carga sensível de detalhes que fazem da reportagem algo além de uma simples citação: “Mas quanto ao rumo estava seguro. Bateu na cabeça com o dedo indicador e disse sorrindo: – O caminho está aqui”. Enquanto em muitas reportagens tradicionais o jornalista pretende ser o mais objetivo possível, aqui observamos uma quebra; ao invés de escrever que a personagem<sup>5</sup> “disse” determinada fala, optou-se em usar um detalhe sutil que faz toda diferença na narrativa: “disse sorrindo”.

O uso dos verbos de elocução, aliás, é um recurso interessante nesta reportagem. Na tentativa de escapar de generalidades e de um modelo fechado de jornalismo, o autor utilizou verbos que, de certa forma, têm por objetivo expressar de maneira mais fiel à fala dos personagens, algo que extravasa a escolha de verbos mais simples como “falar” ou “mencionar”, conforme nos exemplo (grifos nossos): “Disse singelamente: – Outro dia um homem branco quase me matou. Êle fingiu ser meu amigo, mas amarrou-me com cordas a um tranco e arrastou minha mulher para o mato”; “Não falava português, mas suas palavras em caiabi, pronunciadas em voz baixa e rouca, tinham um tom cordial”. E também:

---

<sup>5</sup> Ao longo de toda esta pesquisa, o termo “personagem” foi utilizado, diversas vezes, como sinônimo de “entrevistado”, sem a intenção de fazer referência a uma personagem fictícia, mas, ao contrário, a pessoas reais que foram entrevistadas pelos jornalistas que escreveram as reportagens; há aqui um amálgama entre esses termos, algo que, de certa forma, resgata as características libertárias, subjetivas e ficcionais da literatura, utilizadas no Jornalismo Literário como recurso estilístico.

Alguns, menos preparados, estavam tensos e sofrendo de insônia”. Sentado à beira do fogo, fumando um de seus cachimbos, Ipepori lhes falava num tom de quem conhece as reações causadas por sofrimentos na mata:

– É preciso paciência porque o mato é duro, caraíba.  
Caraíba quer dizer homem branco.

[...]

Ao anoitecer, os dois grupos acamparam lado a lado nas proximidades da cachoeira. E, sussurrando, Inavé disse que um daqueles homens era Paulo, o que havia violentado a mulher do chefe Temioni.

Outro recurso curioso foi a opção, em dado momento do texto, em se reproduzir a fala da maneira como ela provavelmente foi dada, como no depoimento de um dos índios em: “Lá é bom, não tem caraíba. O rio bonito, muito peixe, muita caça, tudo bom”. Nessa citação, notamos a ausência do verbo “ser”, por exemplo (o rio é bonito), ou o verbo “ter” (tem muito peixe), o que faz com que o leitor se torne ainda mais próximo dos índios retratados, uma vez que tem contato com a fala da maneira como ela foi reproduzida, sem adequações ao português de norma padrão.

Esse tipo de texto, é interessante notar, instiga o leitor de maneira diferente dos outros gêneros jornalísticos. Como as reportagens são mais longas, uma característica bastante presente no Jornalismo Literário, o autor acaba por utilizar meios que farão com que o leitor se prenda até o final, como quando, mais ao início da reportagem, o autor menciona que a saída foi prazerosa, mas que alguns acontecimentos ainda estariam por acontecer: “A partida foi alegre. Estava longe a suposição de quanto a marcha seria longa, dura e cheia de imprevistos”.

As marcas poéticas, muito presentes no texto, são pontos relevantes do Jornalismo Literário; em Resgate de uma tribo, há sucessões de imagens que trazem à tona mais lirismo para o texto e associações e combinações de imagens que são capazes de criar sentidos. Por exemplo: “A floresta não demorou a mostrar que era bem diferente do tapêto repousante visto do avião”; aqui, quando a coluna desembarca do avião e finalmente tem contato com a floresta, explica que a realidade era diferente porque do avião tudo não passava de um “tapete repousante”, ou seja, algo uniforme, acolhedor e até estático.

A descrição que Carlos Azevedo apresenta da floresta também é impressionante:

Na sombra das grandes árvores a temperatura podia variar rapidamente; de fresca e agradável para um abafamento opressivo que precedia rápidas pancadas de chuva. Eram raros os trechos em que a mata se apresentava limpa, permitindo um caminho natural entre as árvores. O que se enfrentava quase sempre era um denso cipoal, apoiando-se nas árvores e traçando-se a espinhos e arbustos.

A riqueza de detalhes e o uso de características como “abafamento opressivo” ou “denso cipoal” traz particularidades vívidas que dão ao leitor a impressão de que ele está na floresta, naquele momento, junto ao restante dos índios e da equipe. Outro exemplo de detalhamento da floresta: “fôlhas e galhos formavam uma grossa camada de húmus que escondia um chão perigoso, cheio de buracos e raízes”. Para o bom entendimento da reportagem, é fundamental que haja descrição minuciosa do ambiente, pois assim o texto é mais bem compreendido e fica muito mais próximo do leitor.

Os sons, cheiros e cores presentes no texto formam sensações de destaque, pois o enriquece: “O aço dos facões dos índios retinia na madeira dura”; “O canto de mil passarinhos, os gritos de um bando de macacos passando, o estalo das fôlhas sêcas que não param nunca de cair completam a sensação de que a mata está viva”; “E a mistura desordenada de todos os tons do verde ou um doce perfume de flor podem emocionar”; “Os outros três índios da coluna, Meuai, Iput e Tuin, foram juntar lenha e em poucos minutos uma panela chiava sobre três pedras chatas”. Todos esses pormenores fazem com que o leitor sinta a floresta viva, algo muito mais relevante do que uma descrição imparcial de um ambiente.

Já ao final do texto, o jornalista demonstra um posicionamento muito claro em relação à igreja católica e aos índios. A questão de o jornalista se posicionar (muitas vezes marcando o pronome pessoal “eu”) é uma característica importante no Jornalismo Literário, ainda mais quando se trata de assuntos considerados polêmicos. Na reportagem em questão, o exemplo é:

Há 400 anos, apesar de sua indiscutível boa intenção, as missões religiosas repetem o mesmo êrro na catequese dos índios brasileiros. Em Inavé havia sido destruída a consciência de ser índio. Em troca, ganhou nebulosas noções do nosso mundo. Noções que lhe permitiam manter a ilusão de pertencer à sociedade brasileira, mas que eram insuficientes para êle encontrar um lugar dentro dela. Ensinaram-no a ler e a escrever. Terminado o curso tinha sido mandado de volta ao sertão mais distante. E ali ler e escrever não lhe serviam para nada. Faziam-lhe muita falta não saber atirar flechas, construir canoa e casa,

conhecer as plantas medicinais; fazia-lhe falta não saber dominar o seu meio. Resultado: marginal para a sociedade brasileira, marginal para a sociedade indígena.

Para essa questão as missões religiosas não têm resposta. Lembram que é uma obrigação cristã impedir que os índios morram pagãos. E se esquecem de que, apesar de cristãos, dois milhões de índios morreram miseravelmente em quatro séculos de catequese.

E também:

O padre não permitia que os índios trabalhassem como seringueiros. Mas eles eram estimulados pelos civilizados a caçar ariranhas e jaguatiricas e essa atividade estava se tornando cada vez mais importante em suas vidas. Em troca das peles recebiam perfumes, sabonetes, brilhantina, lanternas, roupas enfeitadas, espingardas baratas e, naturalmente, cachaça. A comunidade era levada a sentir cada mais necessidade de novos bens de consumo. E foi exatamente assim que outras tribos foram escravizadas ao branco explorador.

O jornalista tampouco tem sua opinião muito bem marcada ao mencionar, no momento em que uma parte dos índios não quis se mudar ao Xingu, que esses índios estavam recusando uma ótima oportunidade, em tom de suposição e de interferência na vida cotidiana deles, ao contrastar que estariam recusando uma vida “triste” por uma oportunidade nova:

[...] era uma pena que outros índios além dos 13 que vieram não tivessem aceitado o convite e resolvido se mudar para o parque. Tinham recusado uma oportunidade, talvez única, de trocar uma vida triste e sem esperança por um mundo nôvo, melhor.

Já Marcos Faerman, renomado jornalista do Jornalismo Literário e da imprensa alternativa, também tratou sobre o tema do indígena em reportagem publicada no *Jornal da Tarde*, em 30 de março de 1976. *Os Últimos Tupiniquins* (A ilusão da terra sem males), que mais tarde esteve reunida, junto a outras reportagens do jornalista, no livro *Com as mãos sujas de sangue* (1979), relata a história dos guaranis. O texto inicia-se com variadas perguntas inquietantes, a maioria sem respostas precisas.

São histórias que o sertão esconde: quem sabe do amor do imperador e da índia? Quem sabe dos jagunços que avançaram com armas na mão sobre as terras dos tupiniquins? Quem sabe das grandes florestas onde os índios caçavam e que estão sendo derrubadas? Quem sabe da

grande caminhada dos guaranis, sempre a pé, em busca da Terra sem Males?

Faerman mostra, ao afirmar que são “as histórias que o sertão esconde”, que um relato por escrito, como uma reportagem, sempre irá privilegiar algum fato e, assim, encobrir outros. Faz parte da ideia que se quer defender e do que realmente se deseja contar. Dessa forma, o que se torna mais importante, segundo a afirmação de Faerman, é tudo aquilo que deixou de ser contado.

Faerman é o repórter do não-fato, da anti-reportagem, das dúvidas e vazios no texto. Este questionamento do alcance da reportagem faz com que o texto exerça ao mesmo tempo uma função meta-linguística, de crítica do jornalismo, e, em termos mais gerais, de crítica e relativização das nossas categorias de conhecimento. (WILLER citado por FAERMAN, 1979, p. 15)

O discurso dessa reportagem – aliás, uma característica recorrente nos textos do jornalista – é fragmentado e não é linear, marcado todo tempo por dúvidas, visível na pontuação escolhida pelo autor ao utilizar interrogações e reticências, o que faz com que o texto dê voltas e que se criem imagens diferentes por meio de frases curtas. Esse tipo de pontuação, inclusive, é uma marca do Jornalismo Literário bastante utilizada nas reportagens, principalmente, da década de 1960, nos Estados Unidos. Assim, fica frisado o sentimento do jornalista, indignação, angústia e hesitação. Principalmente com o uso das reticências, a impressão que o texto deixa para o leitor é que sempre há algo mais a ser dito, num interessante jogo de insinuações, lacunas e incompletudes. O uso dos parênteses também é importante, pois abre paralelos e, conseqüentemente, se contam novas histórias.

Nos exemplos a seguir, há o uso de reticências, interrogações, exclamações e parênteses: “A grande esperança de Hans Staden eram... os portugueses... ou seus aliados, os tupiniquins”; “Além do que, haveria mesmo uma ‘Terra sem Males’ possível para eles?”; “E veio D. Pedro II!”. “(Nesta aldeia, de poucas ruas, onde vivem algumas centenas de pessoas, muitos deles são índios)”.

Muitas das perguntas realizadas no texto, que não têm resposta exata, acabam por chamar a atenção do leitor, aproximando-o. No exemplo a seguir, Faerman utiliza-

se de um recurso para alertar o leitor e dar a ideia de que irá construir um raciocínio junto dele (“Vamos lembrar os livros escolares”):

Mas por que os tupiniquins haviam esquecido até que eram índios?  
Por que não mais falavam a língua tupiniquim? Por que apenas  
seguiram mantendo sua cultura pelo trançado de algumas redes e  
peneiras ou pela sua cerâmica?

[...]

Vamos lembrar os livros escolares.

Na reportagem em questão, também, fica evidente o posicionamento de um “eu”, marca evidente de um texto que em nada é imparcial, como em: “Mas agora os tupiniquins voltaram. Tenho à minha frente um homem baixo, com uma calça esfarrapada, a cara curtida”. Em alguns trechos, pela presença do “eu”, a reportagem chega, inclusive, a apresentar características de um relato pessoal próximo ao que se vê em diários: “Caminhando por uma ruazinha de Aldeia Velha, encontro um senhor, tupiniquim, que em poucos minutos de conversa me diz que é parente de Joana Martins”.

O espaço e o tempo são demarcados no texto, mas de maneira diferente de reportagens convencionais. Enquanto na reportagem da revista Realidade, abordada anteriormente, o tempo, embora não esteja em destaque como se propõe o **lead**, apareça assinalado, em Faerman essas noções espaciais e temporais são genéricas: “Mas é o chefe dos tupiniquins desta aldeia perdida no interior do Espírito Santo, a duas horas da capital, mas perdida” e “É uma tarde qualquer” demonstram que o lugar em questão é praticamente um não-lugar, perdido e esquecido, e que o tempo também não faz diferença, como se saber a hora exata, mas pelo menos um vago período do dia, características de um texto aberto.

Os verbos de elocução utilizados mostram um aspecto de detalhamento da reportagem, algo além da impessoalidade dos verbos tradicionais (grifos nossos): “Vai falando baixinho sobre esta vida”; “E a turma do Sindicato do Crime não brincava, matava sem vacilar. Matava por empreitada. ‘Ainda mata’ – sussurra alguém”. Com efeito semelhante, a reprodução da fala dos personagens também traz ao texto mais vida e verossimilhança, conforme no trecho a seguir:

Era tudo índio aqui, era tudo índio e tudo viva na mata; era tudo índio e vivia nas barranquinhas, caçando, fazendo colheita, era tudo índio aqui. Tinha muito abacaxi e tinha muita fruta outra. Café do índio não era café do branco. Era café de cana, café tinindo. O pessoal era feliz todo ele”.

Pergunto: eram felizes?

Ele me olha, admirado: “Felizes”.

– O pessoal era feliz todo ele. Meus avós, meu pessoal, todos felizes, todos na lavoura [...] Agora, qualquer doença, índio está morrendo. Índio era feliz. Mas depois as companhias foi entrando na terra dos índios.

No relato acima, é possível notar a ausência de concordâncias e repetições, inadequações para a norma padrão que, geralmente, são facilmente desconsideradas e corrigidas em reportagens tradicionais. O mesmo se aplica ao uso de interjeições (“Ah Jesus”; “meu Deus”):

Ah Jesus, um fotógrafo, como eu queria uma foto do meu bebê, uma foto de binóculo... ah, Jesus, quando vier a colheita eu compro uma máquina e faço uma foto de meu bebê... e depois compro um carro e saio por este mundão de Deus... saio rodando por aí... até as terras de seu Bufão, até mais longe, mais longe... levo quem quiser ir comigo... solto no mundo, no mundo da lua, bem como eu sou... mas será que a colheita vai ser boa...há tanto eucalipto, a gente vai ter que comer eucalipto, meu Deus!

Assim, a repetição, recurso comum na fala, é representada no exemplo acima, artifício interessante para ser transcrito e mostrado ao leitor, pois o leva para mais próximo da realidade das personagens retratadas. Algo parecido se aplica em: “O rapaz sonhador diz, porém, que podem até ‘enfiar ele no cubículo da cadeia de Aracruz que ele diz que esta história dos eucaliptos... esta história não dá... não dá... a gente vai comer eucalipto?’”.

A reportagem é marcada por um posicionamento crítico que faz relevante reflexão sobre a questão da identidade nacional. Mais ao começo, é apresentada a mentalidade retratada de uma época para, depois, expor depoimentos valiosos acerca da identidade dos índios tupiniquins e tupinambás, em contraposição à identidade brasileira:

Por muito tempo se disse: séculos de contatos com os brancos destruíram os tupiniquins... Eles viviam no litoral. Foram amigos dos portugueses. Lutaram ao lado dos portugueses contra os ferozes

tupinambás. Nas histórias de nossa infância, os tupinambás eram os vilões, aliados dos franceses. Os tupiniquins eram os Bons índios, os amigos.

Algum tempo depois, assim, Faerman demonstra que o contato dos tupiniquins com os guaranis iriam retomar a identidade indígena: “Os guaranis iriam despertar nos tupiniquins todo o amor pela condição de índios. E iriam lhes ensinar que um índio é um índio e um branco é um branco”. Mas o depoimento mais impressionante recolhido pelo jornalista está a seguir, quando um dos personagens nega sua origem para afirmar que tem identidade indígena, em sinal de orgulho:

Um dos reis do congo é seu Arlindo. Descende de negros mas não admite que alguém diga isso. Nasceu ali e se considera índio. Chama sua mulher, dona Guilhermina, e diz, batendo no peito:  
– Índia pura... Bate em seu peito e grita:  
– Eu sou índio puro. Puro até no cuspe!

De maneira abrangente, portanto, o autor tem posicionamento bastante crítico em relação ao fato e faz questão de se posicionar, ainda que por meio das interrogações e reticências, que deixam questionamentos “no ar” e nas entrelinhas. No trecho a seguir, por exemplo, Faerman inicia um raciocínio com uma pergunta (“Qual a diferença entre um índio e qualquer outro caboclo pobre do sertão?”) para, então, construir um pensamento com seguidas afirmações, em forma de listagem, para que o leitor conclua as semelhanças entre as duas personagens, o índio e o caboclo:

Qual a diferença entre um índio e qualquer outro caboclo pobre do sertão? As casas são quase iguais quando não são iguais. São as mesmas calças remendadas. E a mesma falta de condições de vida. Não há médico nem remédios, nem para uns, nem para os outros.

Assim, *Os últimos tupiniquins* trata de uma interessante crítica que começa com a descrição de um índio que, visualmente, em nada se parece com um índio presente no imaginário estereotipado do restante da população brasileira – aparenta-se muito mais com um caboclo qualquer (“não se parece com as tupiniquins dos bancos escolares, com suas penas, com suas flechas”) – e que na verdade é o chefe dos tupiniquins. Por isso, atua como uma denúncia que aponta que nada é o que realmente parece, numa incrível

reportagem que tem estrutura aberta e constituída não por uma, mas por várias narrativas inquietantes que se desdobram.

A narrativa, que se inicia com o relato de chefe tupiniquim que tem as características de um caboclo comum, é cortada para que se inicie uma nova narrativa: a chegada de um guarani, “remanescente do grupo dizimado no Sul do país e que partiu em busca da Terra sem Males, território mítico situado ‘depois do litoral’, onde não sofreriam mais perseguições” (WILLER, citado por FAERMAN, 1979, p. 16). Dessa maneira, a reportagem se abre para o início da história da busca da chamada “Terra sem Males” e conta como os guaranis chegaram a Minas Gerais com a ajuda da Funai – Fundação Nacional do Índio, após séculos de peregrinação, para então desistirem dessa ideia e irem viver no Espírito Santo, com os tupiniquins. Assim, quando os tupiniquins começaram a ter contato com os guaranis, envoltos pelo contexto da tradição e do misticismo religioso, reacendendo nos primeiros o “amor pela condição de índios”. Dessa forma podemos dizer que, embora antiga, esta reportagem traz um tema atual e polêmico, características fortes do Jornalismo Literário.

Desse modo, podemos concluir que esta forma de análise dos gêneros reportagem e crônica, numa dimensão linguística, pode ser aproveitada como trabalho a ser realizado em sala de aula, no que tange à leitura crítica do texto, bem como à sua intencionalidade.

### **Considerações finais**

Por fim, tendo como base os conceitos abordados neste artigo e as reportagens da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde* que fazem parte do Jornalismo Literário, procuramos demonstrar como os conceitos de reportagem e crônica são amplos e como esse mesmo tipo de Jornalismo é importante a ponto de, por diversas vezes, se confundir com um desses dois gêneros enriquecendo as práticas jornalísticas que pensam apenas no **lead**, algo tão impessoal e automático. Julgamos importante a abordagem desse assunto para o ensino de Língua Portuguesa; tanto pelo debate em torno do gênero, quanto pelas questões do ponto de vista e estilístico-literária, propiciando, assim, a exploração do aspecto crítico do texto, por meio de temas polêmicos.

### Referências bibliográficas impressas

- FAERMAN, M. *Com as mãos sujas de sangue*. São Paulo: Global, 1979.
- FARO, J. S. *Realidade, 1966-1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira*, 1999.
- FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JORNAL DA TARDE*, março de 1976.
- LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004 .
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MORAES, L. N. de. *Leituras da revista Realidade: 1966-1968*. São Paulo: Alameda, 2007.
- PENA, F. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PENA, F. O Jornalismo Literário como gênero e conceito. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2006.
- REVISTA REALIDADE*. São Paulo: Editora Abril, 1966.
- ROSSI, C. *O que é jornalismo*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- WOLFE, T. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

### Referências bibliográficas digitais

- CENTRO DE CULTURA E MEMÓRIA DO JORNALISMO. *História do Jornalismo*. Disponível em: <<http://www.ccmj.org.br/fatos/1964/239>>, acesso em fevereiro de 2015.
- ENCICLIPÉDIA ITAÚ CULTURAL ARTES VISUAIS. *Luigi Mamprin*. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/>> Acesso em fevereiro de 2015.

### ABSTRACT

*This paper presents a study of the text genres chronic and newspaper report exploited in Portuguese classes, based on Literary Journalism and a through linguistic perspective. From considerations about the history of Literary Journalism and how it has been developed in Brazil, we present a possibility of studying these genres using a newspaper report from a magazine called Realidade, published in 1966, and the newspaper Jornal da Tarde, published in 1976.*

**KEYWORDS:** Portuguese. Education. Chronic. Reporting. Literary Journalism.

Envio: março/2015  
Aceito para publicação: abril/2015